

revista **PRIMAX**
eletrônica

OBRAS DE GUIDO BILHARINHO

**UBERABA/BRASIL
ABRIL 2021**

Nº 3

EDITOR

GUIDO BILHARINHO

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

GABRIELA RESENDE FREIRE

PRIMAX 3

SUMÁRIO

QUESTÕES

O Livro: Suportes e Leitura 3

LITERATURA

As Mulheres de Mantilha e o Artífício Romântico 7

CINEMA

Roma 11

O Céu de Lisboa 15

HISTÓRIA DO BRASIL

Controvérsias

Descobrimento do Brasil 20

FICÇÃO

O Quarto 27

POESIA

Cavalo 29

INDICAÇÕES

Brasil: Cinco Séculos de História 31

Filmes Europeus Muito Bons – I e II 33

Blogs Culturais 34

BLOG

<https://revistaprimax.blogspot.com/>

“A ARTE É UMA CONFISSÃO DE QUE A VIDA NÃO BASTA” – FERNANDO PESSOA

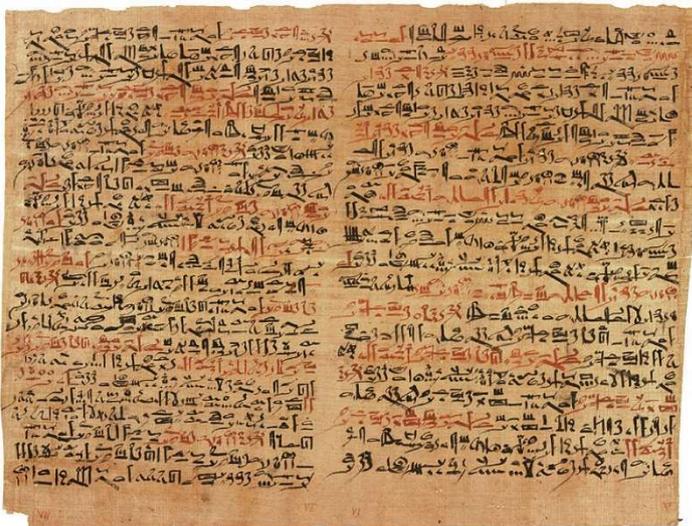
Questões

O LIVRO: SUPORTES E LEITURA

A produção literária, dramática e filosófica se materializou por meio de placas de argila, cascas de árvores, pedra, madeira, barro, metais, papiros e pergaminhos, isto desde os tempos primitivos e de sua trajetória pelo período áureo da cultura helênica (e de toda a humanidade), pela comédia, poesia e estudos jurídicos romanos e pela tarefa (controvertida) dos monjes copistas da Idade Média.

Esses os suportes do livro (entendido como elaboração intelectual) até os meados da década de 1.430 de nossa era, quando da invenção da imprensa por Gutenberg, revolucionando a materialização física do livro por meio do papel, este invenção milenar chinesa.

Não se deve confundir, pois, livro (teor, conteúdo/forma elaborados) com seus diversos suportes físicos. Aquele, o livro,



como produto mental do ser humano, nunca vai acabar, pelo menos enquanto existir vida humana na terra, fator não mais garantido desde o advento dos artefatos nucleares.

PAPIRO

Este, o suporte físico da produção mental, vem sendo submetido, conforme acima indicado, a permanente aperfeiçoamento até desaguar, desde há poucos anos, no imensurável espaço eletrônico, que veio para ficar, se expandir e substituir inteiramente o suporte de papel, tal qual este fez com os antiquados (mas importantes e fundamentais) processos materiais anteriores.



PERGAMINHO

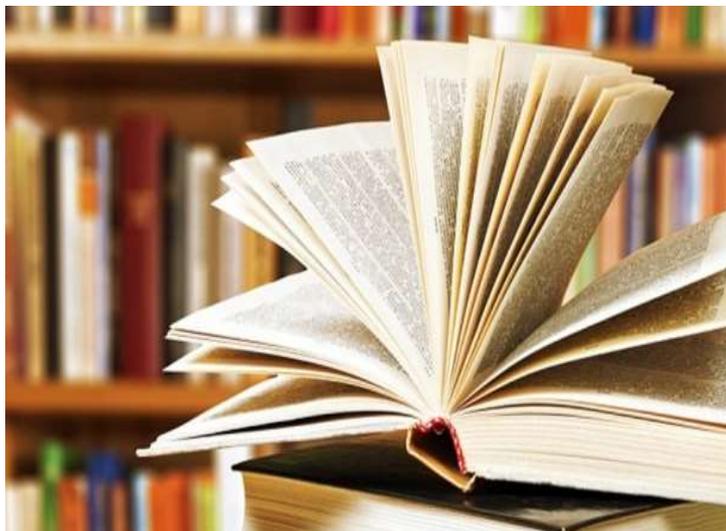
Tal procedimento evolutivo não é aleatório e gratuito, já que sempre representou, em suas diversas etapas, superação de dificuldades, limitações e esgotamento das possibilidades da materialização livresca.

Na época que passa, o suporte de papel vem constituindo crescente e intransponível obstáculo para veiculação física da produção mental denominada livro, dados seus altos custos, exigência de cada vez mais amplos espaços de armazenamento (estantes, bibliotecas, arquivos, livrarias) face à sua extraordinária expansão produtiva, além das dificuldades de distribuição e difusão cada vez mais dispendiosas.

*

Consta que Marx afirmou que o ser humano não se impõe problemas que não pode resolver. À semelhança de tantos outros fatos, é o que vem ocorrendo com o suporte de papel para materialização do processo mental livresco.

Diante do impasse cada vez maior gerado pela extraordinária produção livresca em papel (custos, gráficos, armazenamento, despesas e dificuldades de distribuição e difusão, etc.), encontrou viabilização e solução com o advento do espaço eletrônico, que resolve todos os problemas e supera todos os limites e dificuldades gerados pela produção e acumulação cada vez maior (e insuportável) de livros de papel:



PAPEL

custos (praticamente inexistentes em blogs, sites ou portais); espaço (se não infinito, pelo menos ilimitado); distribuição e difusão (instantâneas, planetárias e permanentes); tradução (por meio de aplicativos eletrônicos específicos); reprodução (dvds, pen-drives, nuvem e até mesmo impressão); leitura (instrumentos próprios).

À evidência, que as gerações mais antigas têm dificuldades de aceitação e utilização de toda essa modernidade e, paradoxalmente, facilidade.

Não as gerações que lhes sucederão.

Contudo, esse novo e surpreendente suporte virtual do livro (elaboração mental de conteúdo/forma), inimaginável até há poucas décadas, exige manejo especial para sua fruição, que não

deve ser efetuada, como muitos julgam e teimam em fazer, diretamente no monitor do computador.



À semelhança do livro de papel, que requer formato próprio para sua utilização, o livro eletrônico também o demanda para maior comodidade do leitor.

ELETRÔNICO

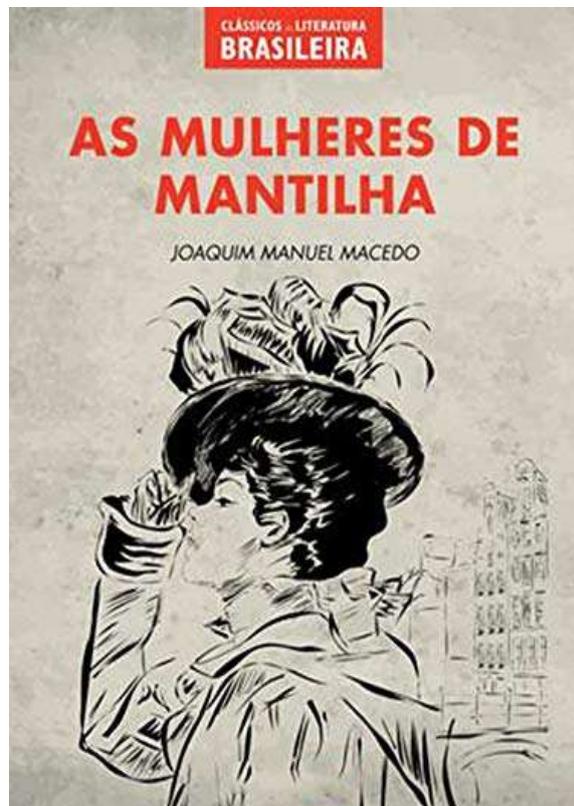
Se a leitura ou consulta rápida de textos se viabilizam perfeita e diretamente no monitor do computador, a leitura demorada de longos textos e da produção mental livresca impõe meios ou suportes exclusivos para sua plena e confortável fruição, materializados em instrumentos adrede idealizados e construídos justamente para atingir essa finalidade: os tablets de modo geral, entre eles, o Kindle da Amazon.

(<https://www.facebook.com/guidobilharinho>)

Literatura

AS MULHERES DE MANTILHA E O ARTIFÍCIO ROMÂNTICO

As Mulheres de Mantilha (1870)*, um dos últimos romances de Joaquim Manuel de Macedo (Itaboraí/RJ, 1820 – Rio de Janeiro/RJ, 1882), escrito quando o Autor estava em pleno amadurecimento intelectual, revela, no entanto, que o mesmo não procurou, a exemplo de Machado de Assis e de tantos romancistas modernos, aprimorar sua arte, dominar seu ofício, no que tange à forma e, muito menos, ainda, tentou compreender e captar a realidade, transfigurando-a artisticamente. Pelo contrário, sua obra, como a de todos os romancistas românticos, permanece fiel, do primeiro ao último livro, aos cânones de um romantismo idealizador e alienante.



* No que concerne à indicação dos anos das primeiras edições das obras citadas e de nascimento e morte dos autores, as histórias e dicionários de literatura, antologias, biografias e livros de crítica apresentam divergências em vários casos, optando-se, em cada oportunidade, pela informação mais plausível.

É comum, na obra desses romancistas, um primeiro livro de repercussão, e mesmo de algum valor, seguido de vários outros destituídos de qualquer mérito.



Assim, com Joaquim Manuel de Macedo. Seus dois primeiros romances – *A Moreninha* (1844) e *O Moço Louro* (1845) – obtêm grande êxito à época. Depois, os demais romances já não alcançam o mesmo nível nem igual sucesso. Não entusiasma. Leve-se em conta que ambos os romances citados são dos

primeiros a se escrever no país e até hoje são lidos.

As Mulheres de Mantilha é romance romântico e histórico. Padece, como seus congêneres, de idealidade. O real, o concreto e o básico da sociedade ou da conjuntura que retrata estão ausentes. Da visão idealizada da sociedade decorre o romancista não a entender e não captar naquilo que realmente é significativo e fundamental. Apenas esquematiza situações e personagens. Não passando, umas e outras, de meros joguetes de destino traçado de antemão. As personagens, por seu turno, ou são essencialmente puras, boas e honestas ou irremediavelmente perdidas e destituídas de qualquer senso moral. As situações

apenas refletem o encontro e o choque entre os “bons” e os “maus”. Tripudiando e abusando estes daqueles para, no final, saírem, como não poderia deixar de ser nesse esquema, que é o mesmo do romantismo hollywoodiano, completamente derrotados.

A estrutura romanesca apresenta-se falha, intrometendo-se o Autor na estória, dando suas opiniões, julgando as personagens e seus atos. Não se revela o caráter das pessoas por meio de sua ação na trama, mas, apenas mediante descrições, dentro de técnica biográfica e não ficcional.

No mais, é quase romance de capa e espada, ao qual não faltam, vez por outra, cenas bem estruturadas, como a da impossibilidade momentânea de um jogo de gamão entre duas personagens (Capítulo XVIII), e nem dialogações desenvolvidas com naturalidade, como as da cena aludida e a em que uma personagem nega a mão de sua filha a um pretendente, mesmo sendo o pedido intermediado pelo próprio Vice-Rei (Cap. XXVIII).

Por último, ressalte-se o empenho do Autor – característica, aliás, do romantismo – em descrever os costumes da época. Todavia, tal intenção, expressamente declarada dentro da própria estória (o que já constitui defeito), teria melhor veículo se decorresse naturalmente dos próprios atos e situações do romance. O Autor, ao contrário, artificialmente interfere e secciona o trecho e, “enquanto não voltam os escravos com os limões de cheiro”, aproveita para descrever o “entrudo”.

Por sinal, tais “costumes” forçadamente descritos à margem da ação (e até a interrompendo), não passam de festas religiosas ou populares, a exemplo de santos-reis, entrudo, serração da velha, etc. Os costumes reais e cotidianos, todavia, só de longe em longe surgem no livro mediante a ação das próprias personagens, mas, isso constitui exceção numa trama urdida e orientada nos parâmetros de artificial esquema romanesco.

(do livro físico *Romances Brasileiros*
– *Uma Leitura Direcionada*, 1998)

Cinema

ROMA

Circunstâncias e Ocorrências



Em *Roma* (idem, Itália, 1972), Federico Fellini (1920-1993) não estrutura filme de ficção nem tampouco restringe-se aos limites do documentário.

Na realidade, é documentário, mas, felliniano. Ou seja, sua visão de Roma é simultaneamente objetiva e subjetiva, racional e emocional.

Se por um lado procura focalizar aspectos típicos da cidade, por outro seleciona-os de acordo com seu interesse, com a importância sentimental que eles lhe infundem.

Se o jovem do norte da Itália desce de trem na estação apinhada e multifacetada, se chega à casa de cômodos onde irá residir, à *trattoria* onde irá fazer sua refeição ou a dois tipos de bordéis da cidade, o cineasta reconstrói objetivamente tais ambientes concomitantemente com as impressões que eles lhe

provocam, numa rearticulação de seu próprio périplo quando chegou, anos antes, jovem e esperançoso, à grande cidade, a cujas glória e fama iria acrescentar sua própria celebridade, elevando-a mais ainda no conceito universal, numa repetição, em outra área artística, do que, no século XIX, na operística, fizeram Verdi e outros notáveis compositores.

Nos locais citados, unidos pela presença do protagonista, ressalta-se a sensível reconstituição (repetição ou multiplicação) da Roma viva vivendo com a força de sua autenticidade e das características mais relevantes de seus habitantes, seus modos, comportamento e maneira franca e até mesmo desabrida de se relacionar.

O impressionante detalhamento de circunstâncias e ocorrências tanto fornece enorme soma de informações objetivas, sociológicas, de inata espontaneidade quanto imprime-lhes conotações psicológicas personalíssimas. Usos e costumes, mas, também, comportamentos e percepções da existência.

Como (quase) não poderia deixar de ser, Fellini expõe três de suas fixações ou pelo menos fortes impressões, que lhe marcaram a formação: os *clowns* e artistas mambebes, as mulheres fartamente gordas e as prostitutas carregadas de pintura, cheias de esgares, modos grosseiros e o mau gosto, gerado pela pobreza, no trato de se vestirem.

O espetáculo apresentado no teatro é tão rico de sugestões que, para o espectador do filme, são dois e não apenas o do palco

e, sim, também, e não menos importante, até ao contrário, o da plateia.

Nesta registram-se típicas manifestações do carácter e da tipologia do povo italiano. Só ele compõe tal espécie de assistência, que reage daquele modo, mesmo que atos e fatos possam ser idênticos nos demais países.

Sob a aparente grossura dessa reconstrução insere-se a extrema sutileza da atenção, interesse e observação.



Outra sequência típica transcorre na sessão de cinema, desde a disputa por lugares, à categoria (hedionda) do filme exibido e à reação exclusivamente emocional do público com seus tipos essencialmente italianos.

Todos esses episódios revelam, e aos observadores atentos e informados explicam, a vivacidade, a variedade e a ebulição permanentes da Itália, que se refletem fortemente em sua organização político-administrativa.

Por fim, o cineasta não descarta de mostrar, no início do filme e nas escavações do metrô, o passado milenar da cidade.

As inúmeras referências a Mussolini registram a forte presença do fascismo na Itália no período em que a dominou com os exageros, hipérboles e histrionismos conhecidos.

Como se trata também de documentário, nada mais justo do que a participação do próprio cineasta em algumas cenas, a modo de Hitchcock.

As cenas finais, dominadas pelo compacto grupo de motocicletas, evocam a invasão da cidade por novas hordas de “bárbaros”, que lhe imprimirão diferenciada feição como, há mil e quinhentos anos antes, já o fizeram seus antepassados. É uma possível interpretação para esse inesperado desfile mecanizado.

(dos livros eletrônicos *O Cinema de Bergman e Fellini*, 2^a ed., fevereiro 2018, e *Filmes Europeus Muito Bons – II*, março 2021)

Cinema

O CÉU DE LISBOA A Medida das Coisas

As melhores obras de ficção geralmente são as que dispensam ou desprezam a estória. São as melhores justamente por isso, porque, tendo o que dizer, revelar e mostrar, prescindem da montagem de espetáculo que é a negação explícita da revelação do ser e de seu estar no mundo.

O que se é, o que os indivíduos são, dispensa e repele o enfeite despistador, a incompetência e inapetência para descobrir e revelar a essência. Em seu lugar entroniza-se e valoriza-se, tal como o bezerro de ouro bíblico, a aparência enganosa e enganadora, o falso brilho do metal ao invés da substância concreta e real dos seres e da vida.

As grandes obras de ficção somente o são porque procuram, fixam e expõem o cerne e o conteúdo das personagens, suas posições,



reações e relacionamentos, aprofundando o enfoque e extraindo a verdade das coisas e não apenas mostrando sua aparência.

A substância e o conteúdo exibem-se naturalmente, dispensando a falsa articulação de intrigas e acontecimentos. O fato de um ser humano estar no mundo compõe quadro complexo de significados que mais se adensam e mais se qualificam com seu agir.

Como todo indivíduo não se limita a apenas estar, mas, também a fazer, a riqueza e multiplicidade de conteúdos e significações apresentam-se grandes e múltiplas, competindo ao ficcionista apanhá-las em andamento, desentranhando seu âmago e o expondo artisticamente.



De certa forma, não embora ao nível das obras-primas do gênero, é o que faz o cineasta alemão Wim Wenders (1945-) em *O Céu de Lisboa* (Lisbon Story, Alemanha/Itália/Portugal/França, 1994).

O filme não conta estória, narra acontecimento. Não arma intriga, expõe relacionamento. Não articula drama ou tragédia, mostra o exercício do viver, a prática profissional competente e responsável (uma das características de seus compatriotas), a amizade e o respeito pelo outro, além da valorização de tudo que é humano e feito pelo ser humano, mesmo que não seja belo no sentido comum, paisagístico ou turístico do termo, mas se o torna quando sensível e artisticamente destacado e valorizado pelo olhar puro e concomitantemente sagaz, como, por exemplo, deterioradas paredes de moradias suburbanas de Lisboa.

Em nenhum momento o filme despe-se dessas marcantes características, porque o que constrói, intercepta e retém não é simplesmente estória, mas, exercício de viver.

Os percalços e incidentes que o protagonista enfrenta na estrada não têm valor por si mesmos, por serem incidentes e por configurarem transtornos. O que importa, tem relevância e é verdadeiramente construído, apreendido e revelado pelo cineasta é o estofamento do protagonista, seu modo de ser e de enfrentar as situações, simultaneamente fatalista e crítico, conformado e rebelado, sem que em nenhum momento deixe de procurar meios para alcançar seu objetivo.

Quando atingido, enfrenta com a mesma bonomia e tranquilidade as dificuldades e carências daí advindas, adaptando-se, como é próprio da espécie, às circunstâncias, mesmo ou principalmente quando insatisfatórias ou adversas.

O fascínio do filme compõe-se, além disso e em complemento a isso, do requinte da imagem que transfigura o

prosaico e comum em excepcional, que investiga os meandros dos objetos, das paredes e da paisagem de tal forma e por tais artes que torna o feio encantador, porque o que a câmera fixa e extrai é a magia que existe em tudo, desde parede descascada, piso sujo e inóspito, *décor* pobre e convulsionado por desorganização e múltiplas carências. Tudo é admirável desde que se o perceba, desde que se saiba ver, observar e, artisticamente, enfatizá-lo no ato de captação e amostragem.

A apropriação dos objetos, dos *décors* e da paisagem faz-se, assim, não pelo que aparentam à visão superficial e apressada, mas, pelo que contêm de significativo, ou ainda e mais sagazmente, pelo que são de belos mais do que simplesmente têm.

O filme, assim, é poema imagético, em que as pessoas e sua movimentação não destoam, mas, ao contrário, o compõem, infundindo-lhe o dom da vida, da presença e da participação humana, sem as quais objetos e paisagens não passariam de realidades destituídas de significação, não tendo sentido maior do que simplesmente existirem. A beleza, a utilidade e a imprescindibilidade das coisas só ocorrem em função do olhar, da contemplação, da necessidade e da adequação aos indivíduos.

Já se disse, e com acerto, que o ser humano é (e deve ser) a medida de tudo.

O dilema da personagem cineasta ao fim do filme, de procura da imagem pura sem a contaminação do olhar

nada mais é do que a impossibilidade de ver as coisas fora ou além dessa medida e significação. O diálogo que se trava entre o *savoir vivre* e a sensibilidade perspicaz do protagonista e a inquietação buliçosa e criativa do cineasta constitui, ao mesmo tempo, ementa, conclusão e lapidação da preocupação artística de Wenders. E é da máxima importância.

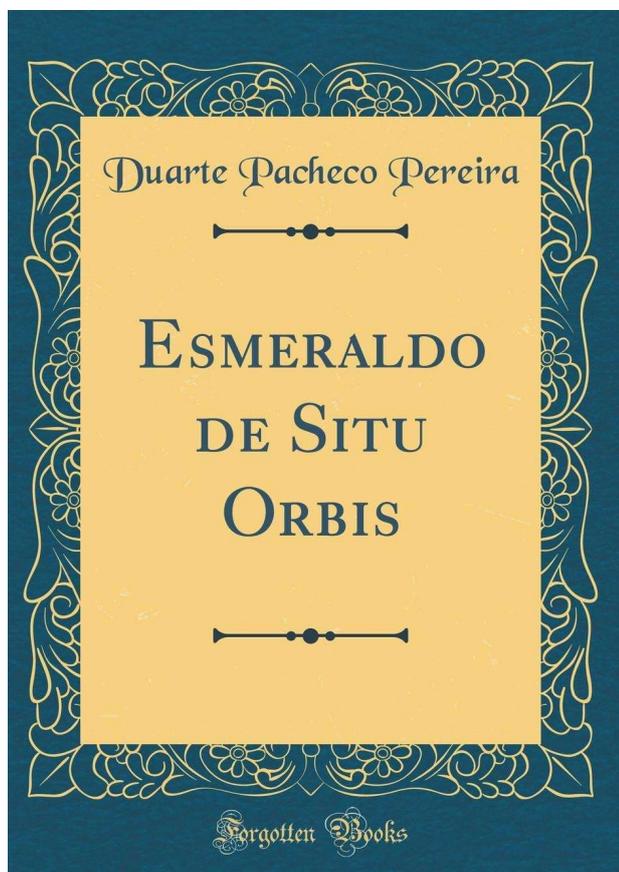
(dos livros eletrônicos *Filmes Europeus dos Anos 1990*, outubro 2019, e *Filmes Europeus Muito Bons – II*, março 2021)

História do Brasil

Controvérsias

DESCOBRIMENTO DO BRASIL

A viagem de Vasco da Gama à Índia em 1497 impôs a Portugal a necessidade de enviar Armada poderosa ao Oriente para estabelecer e proteger entrepostos comerciais permanentes e garantir a navegação marítima na região, o que foi providenciado sob o comando de Pedro Álvares Cabral.



Duas controvérsias decorrem da passagem de Cabral pelo Brasil em 1500 rumo à Índia: a) acaso ou intencionalidade, implicando em descoberta ou tomada de posse; b) precedência desse navegador.

*



DUARTE PACHECO PEREIRA da África.

Em 1492, Colombo chegou à América, revelando a existência de terras a oeste da Europa.

Em 1493, o papa Alexandre VI na bula *Inter Coetera* dispôs traçar-se a cem léguas de Açores e Cabo Verde o meridiano que dividiria as terras entre Portugal e Espanha.

Em 1494, não satisfeito Portugal com a divisão proposta pelo papa, realizou-se o *Tratado de Tordesilhas* entre os dois países, pelo qual a referida linha divisória passaria não apenas a cem, mas, a trezentos e setenta léguas a oeste de Cabo Verde, com o que se ampliou consideravelmente o direito português ao domínio e colonização dessas terras.

Desse Tratado participou, entre outros, o navegador e cosmógrafo português Duarte Pacheco Pereira.

Em 1498, esse navegador - que lutou na Índia e é denominado de "Aquiles Lusitano" por Camões (*Os Lusíadas*, cantos I, estrofe 14, e X, estrofes 12, 15, 16 e 17) e considerado gênio pelo historiador português Joaquim Barradas de Carvalho, comparável a Leonardo da Vinci pelos seus trabalhos de cosmografia – teria estado no Brasil, conforme descrito em seu livro *Esmeraldo de Situ Orbis* (Tratado dos Novos Lugares da Terra), escrito entre 1505 e 1508 e somente descoberto e revelado em 1892.

De mais a mais, face à chegada de Colombo às Américas, à bula papal e ao Tratado de Tordesilhas, Portugal necessitava apoderar-se das terras que sabia existentes e que, pelo direito então prevalecente, eram suas, pelo que a expressão “Descobrimento do Brasil” vem sendo substituída por, entre outras, “Tomada de Posse”, mais exata e consentânea com as evidências acima expostas.

Além do mais, Pero Vaz de Caminha escreveu em sua célebre carta: *“aquilo que se esperava achar foi achado”*.

Desse modo, não restam dúvidas sobre a intencionalidade da vinda de Cabral ao Brasil.



CABRAL

*

Já em relação à precedência dessa viagem, conquanto o livro de Duarte Pereira seja elucidativo, é necessário, porém, que o acompanhem e complementem documentos oficiais e oficiosos a respeito, já que não seria possível viagem dessa monta sem conhecimento e mesmo autorização da administração portuguesa e, menos ainda, sem comunicação ou relatório de Duarte Pereira ao rei sobre seus percalços e resultados, o que, aliás, fez pelo menos em seu livro.

Mais ainda exige essa documentação a circunstância de que o referido livro foi escrito entre 1505-1508, posteriormente, portanto, à exitosa viagem de Cabral.



ARMADA DE CABRAL (9 NAUS E 3 CARAVELAS) –
QUADRO DE OSCAR PEREIRA DA SILVA

Conquanto isso, conquanto Duarte Pereira possa ter chegado primeiro que Cabral, isso não significa que ele tenha tido noção e consciência do que encontrara, porque “*como afirma o historiador* [Francisco Contente Domingues, autor de *A Travessia do Mar Oceano: A Viagem ao Brasil de Duarte*

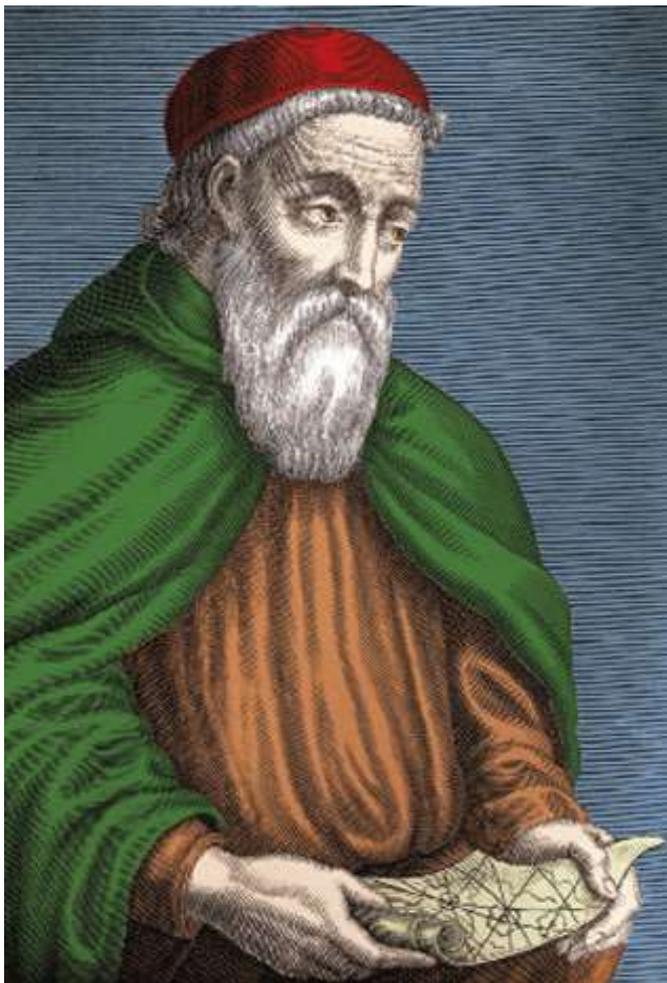
*Pacheco Pereira em 1498] e aqui repousa a excelência da interpretação, Duarte Pacheco não está interessado na localização do Brasil. O que o move é antes testar a sua própria concepção do mundo – um mundo onde o ‘mar oceano’ é uma grande lagoa cercada pela terra. Duarte não poderia ter descoberto o Brasil porque, na sua própria mente, não existia nenhum Brasil, nenhuma América, nenhum continente novo para ser descoberto. Ele apenas chegara ao outro lado da margem – a essa ‘tão grande terra firme’, ‘que vai em cercoito per toda a redondeza’” (João Pereira Coutinho, “Quem Descobriu o Brasil?”, *Folha de São Paulo*, de outubro 2012).*

Todavia, contrariando frontalmente a assertiva exposta acima, Duarte Pacheco, professor de Varginha/MG (xará do navegador português), no artigo “O Verdadeiro Descobrimento” (*Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 janeiro 1998) divulgou trecho do *Esmeraldo* transcrito por Guilherme Evelim na artigo “O Verdadeiro Cabral”, publicado na revista *Isto É*, de 26 de novembro de 1997, que revelou um Duarte Pacheco Pereira totalmente oposto ao gizado por Francisco Contente Domingues, ao expor no *Esmeraldo*:

“Como no terceiro ano de vosso reinado do ano de Nosso Senhor de mil quatrocentos e noventa e oito, donde vossa Alteza nos mandou descobrir a parte ocidental, passando além a grandeza do mar oceano, onde é achada e navegada uma tam grande terra firme, com muitas e grandes ilhas adjacentes a ela

e grandemente povoada. Tanto se dilata sua grandeza e corre com muita lonjura, que de uma parte nem da outra não foi visto nem sabido o fim e cabo dela. É achado nela muito e fino brasil com outras muitas cousas de que os navios nestes Reinos vêm grandemente povoados”.

*



AMÉRICO VESPÚCIO

Pelo que, em consequência, Cabral não teria descoberto o Brasil, não sendo o primeiro a encontrá-lo, cabendo a Duarte Pacheco Pereira o feito, restando a Cabral, o que não é pouco, a tomada de posse da nova terra, e, a partir daí, o desencadeamento, pelo reino português, da colonização da área, para o que, inicialmente, mandou diversas expedições, sob os

comandos de:

- 1- *João da Nova* (1501), de passagem para a Índia;
- 2- *Gaspar de Lemos* (1501), primeira especialmente destinada ao Brasil, nela vindo o navegador italiano a serviço de Portugal, Américo Vesputi, e nomeando, essa expedição, os

principais pontos da costa, como rio São Francisco, Bahia e Rio de Janeiro, etc.;

3- *Estêvão da Gama* (1502);

4- *Gonçalo Coelho* (1503), organizada por Fernando de Noronha, sendo uma de suas naus comandada por Américo Vespúcio, que também fez, em fins desse ano, em Cabo Frio, a primeira entrada no Brasil, percorrendo 200 (duzentos) quilômetros. Em sua homenagem, ao novo continente foi dado o nome de América.

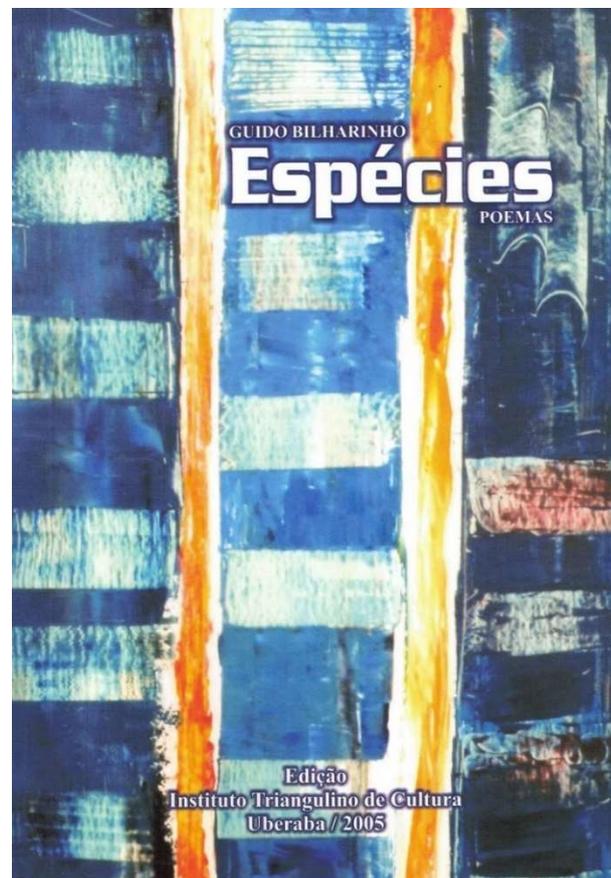
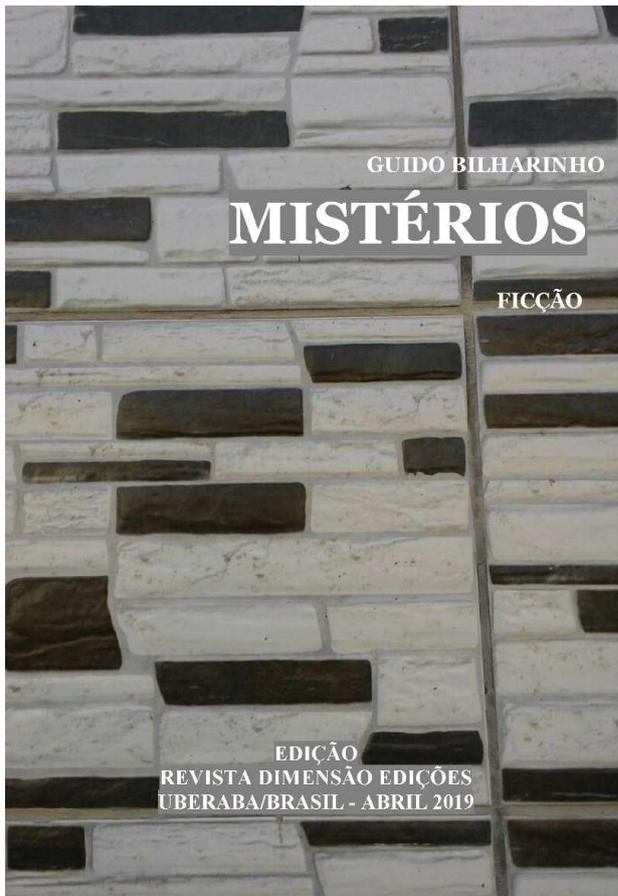
(Inédito)

Ficção

o quarto

sentou-se na cama estremeou e deu sem acendê-lo uma bafurada no cachimbo ficando sem entender o fenômeno depois tentou calçar o par de chinelos só encontrando um deles sem ser de nenhum dos pés pelo que julgou ter um terceiro que inutilmente procurou apenas deparando com os dois costumeiros nem bem se refez dessa perplexidade quando lhe sucedeu ser sacudido como querendo a cama se ver livre de seu incômodo peso ficando de pé não teve melhor sorte pois sua cabeça atingiu o teto incomodando-o mas isso ainda foi menos inconveniente que a repentina oscilação do assoalho que o deixou totalmente inseguro tentou sair do quarto mas não encontrou porta e até janela que se abria para o jardim havia desaparecido estando em seu lugar quadro de pintor figurativista tradicional o que mais aumentou sua tortura já quase a desmaiar ou gritar alvitrou que aquilo tudo podia não passar de pesadelo lembrou-se porém que estava acordado

(do livro eletrônico *Mistérios*, abril 2019)



Poesia

cavalo

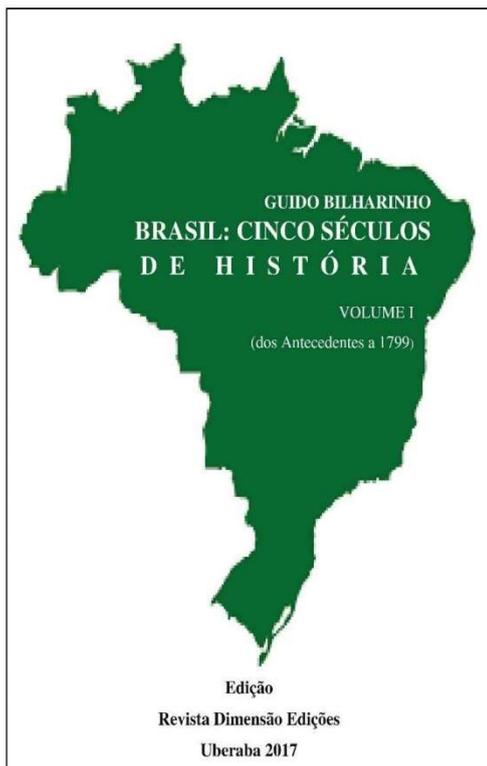
plumas ao dor
so e penas

lâminas cri
nas aos ventos

galopes e trotes
gumes às lu
zes e raios

(do livro físico *Espécies*, 2005)

Indicações



BRASIL: CINCO SÉCULOS DE HISTÓRIA

VOLUME I

(DOS ANTECEDENTES A 1799)

NO BLOG

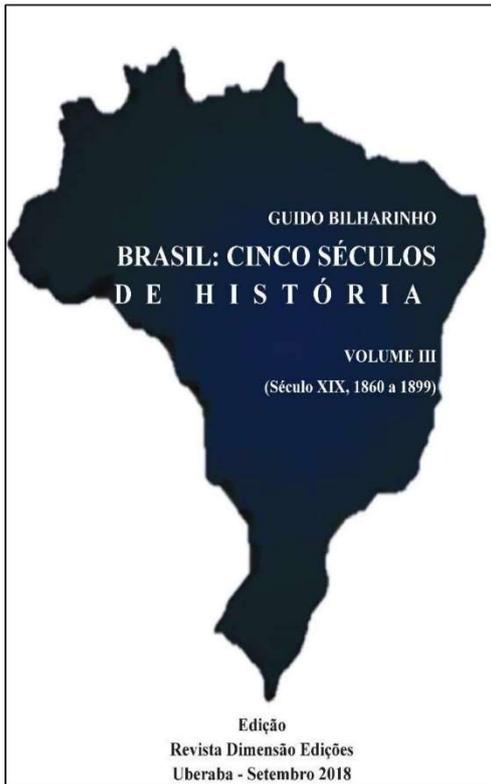
<http://guidobilharinho.blogspot.com/>

BRASIL: CINCO SÉCULOS DE HISTÓRIA

VOLUME II

(SÉCULO XIX, 1800 A 1859)





BRASIL: CINCO SÉCULOS DE HISTÓRIA

VOLUME III

(SÉCULO XIX, 1860 A 1899)

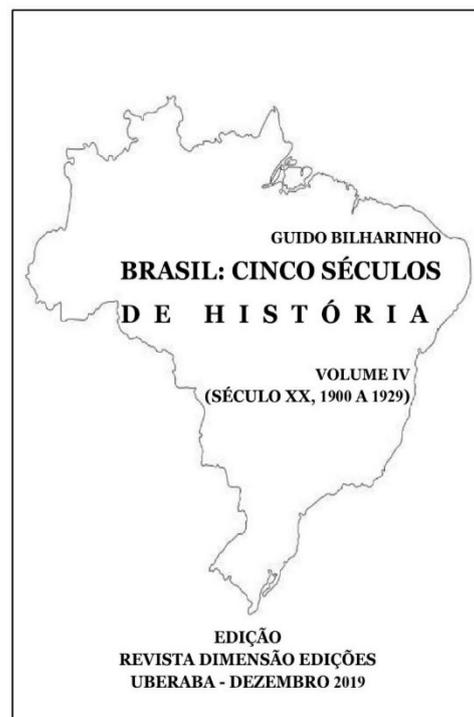
NO BLOG

<http://guidobilharinho.blogspot.com/>

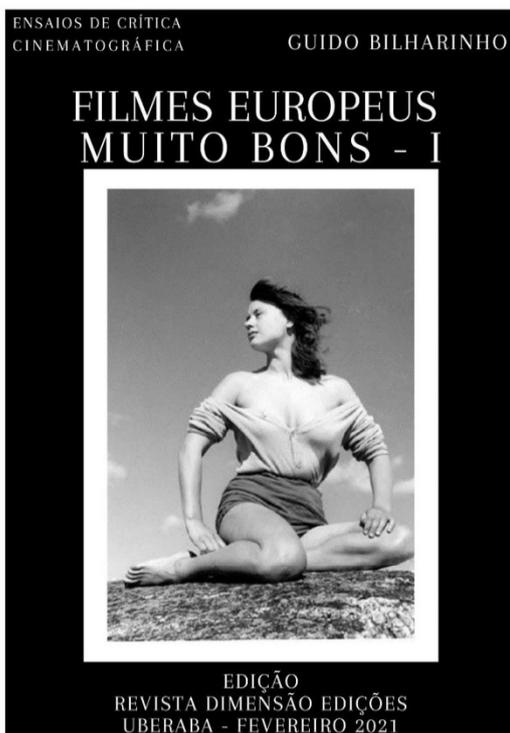
BRASIL: CINCO SÉCULOS DE HISTÓRIA

VOLUME IV

(SÉCULO XX, 1900 A 1929)



ENSAIOS DE CRÍTICA CINEMATOGRÁFICA



FILMES EUROPEUS MUITO BONS

VOLUME I

(1912-1969)

NO BLOG

<http://guidobilharinho.blogspot.com/>

ENSAIOS DE CRÍTICA
CINEMATOGRÁFICA

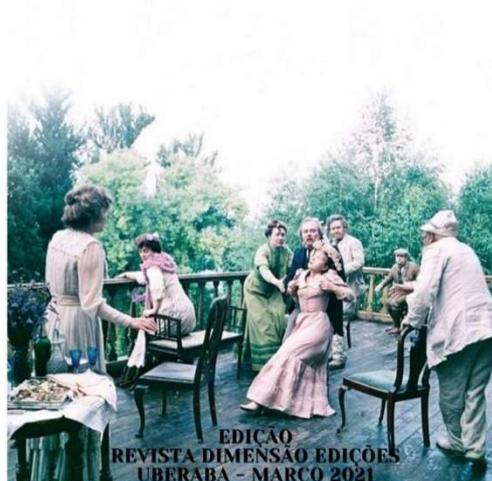
GUIDO BILHARINHO

FILMES EUROPEUS MUITO BONS

FILMES EUROPEUS MUITO BONS - II

VOLUME II

(1972-2001)



BLOGS CULTURAIS

BLOG EDITORIAL GUIDO BILHARINHO

UM LIVRO POR MÊS (DESDE SETEMBRO/2017)

48 VOLUMES EDITADOS

**LITERATURA – CINEMA – HISTÓRIA DO BRASIL – TEMAS
REGIONAIS – ENSAIOS E ARTIGOS**

<http://guidobilharinho.blogspot.com/>

REVISTA DE POESIA DIMENSÃO

(1980 a 2000)

Blog Próprio e Exclusivo

Já Acessado em mais de 20 Países

**Coleção Completa - Índices Onomásticos de Autores Publicados (635 de 31 países) -
Repercussão da Revista Entre Escritores Brasileiros e Estrangeiros**

<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br/>

BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA

31 Volumes Editados

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br>

**FUNDAÇÃO - EVOLUÇÃO ECONÔMICA - PIONEIRISMO - HISTÓRIA -
ATIVIDADES CULTURAIS - LEGISLAÇÃO MUNICIPAL - MEIO AMBIENTE
- SISTEMA FLUVIAL - TEATRO - BIBLIOGRAFIA**

AUTORES UBERABENSES

3 Livros Publicados

<https://autoresuberabenses.blogspot.com.br>

POESIA – BIOGRAFIA - ARTIGOS

REVISTA PRIMAX

<https://revistaprimax.blogspot.com/>